



FARJALLAT, Célia Siqueira.
Campinas, 26 jul. 1997.

A moda de todos os tempos.

Correio Popula

A moda de todos os tempos

"A moda, esta tirana
implacável..."
(Coelho Neto)

A morte recente de um grande costureiro, os desfiles de modelos para a próxima estação, o frisson que sacode estilistas, designers, fornecedores de sedas, plumas, peles, couros, tecidos de toda a espécie, inclusive metálicos, tudo isso vem demonstrar a vitalidade deste setor, que envolve milhares de pessoas de todas as condições sociais. Enfim, um paraíso para alguns, e um purgatório, talvez, mesmo um inferno, para os bolsos.

Bem, nem tudo na moda resume-se em futilidade. Trata-se de setor muito sério, sob o aspecto econômico, e muito interessante na área cultural. A moda denuncia a época, a condição social, as características de um período, a personalidade de seu usuário. Há livros preciosos sobre a moda, sendo entre nós, dos mais conhecidos o escrito por Gilda Melo e Souza, sob o título de *O espírito das roupas - A moda no século XIX*.

São 256 páginas e 160 ilustrações, onde Gilda desfila não apenas a moda como o comportamento da sociedade no século XIX, quando a democracia acabava de anular os privilégios do sangue, e a moda se difunde em todas as camadas sociais, e em todos os lugares, na rua, nos salões, nas estações de veraneio, mudando estilos e comportamentos.

No século passado, a mulher realizava-se pelo casamento apenas. Raramente pelo talento e pelo intelecto. Por isso, desenvolveu-se a coquetterie, arte social de avanços e recuos, de vestidos colantes no busto e imensos nas saias, o que sugeria graça e leveza. Nem sempre, claro.

A crenolina surgiu em 1855 com a imperatriz Eugênia. Era a vitória do aço, e a mulher passou a ser uma espécie de triângulo equilátero, usan-



do chales e mantilhas, que disfarçavam a cintura. As mangas avolumam-se como balões, a mulher parece um milagre de curvas atraentes.

Multiplicam-se os enfeites, as fitas, os babados, as rendas, os laçarotes, e a mulher, coitada, submete-se a usar coletes de barbatanas de baleia ou de aço, que lhe comprimem a cintura (de vespa ou de boneca) e, destacando o colo farto, enaltecido pelos poetas. As saias varrem o chão, e não sei como nossas pobres antepassadas faziam para se locomoverem com tanta roupa inútil, e ainda usando sapatos de salto alto, fechados.

As damas ainda usavam chapéus horríveis, alguns imensos como bandejas contendo fitas, rendas, veuzinho, asas de pássaros e frutas artificiais. Usavam luvas, jóias e um guarda-sol rendado, elegante e inútil. Aliás, esta moda aparece nas personagens de autores como Machado de Assis, José de Alencar e Macedo, entre outros.

As mudanças na moda vieram devagar. A mulher começou a trabalhar fora, o que não poderia fazer, carregando todo aquele trambolho de muitas saias, nem os coletes apertando a cintura, e levando-a a desmaiar. Desfazendo-se do excesso, a moda simplificou-se. Encurtou as saias até demais; hoje, temos a microssaia, que só fica bem para adolescentes, vejam lá. Temos também a moda unissex, muito prática. Mas a moda ainda conserva e até inova em deliciosos absurdos, que ficam bem nas "manecas", magérrimas e belíssimas. Mas, tornam-se perfeitamente ridículas mulheres comuns, não beldades desfalecendo de fome.

Enfim, vale a pena aprender sobre a moda, divertir-se com seus excessos, e segui-la, cautelosamente, à distância. Experimentem isso. Vale a pena.

Célia Siqueira Farjallat, cronista do Correio, escreve aos sábados nesta página